

A CADÊMICOS NO SAMBA



Pesquisando o carnaval ou caindo na folia, cientistas da UNESP mostram que são bons da cabeça e saudáveis dos pés. Págs. 6 e 7

REDE UNESP

Uma "vitrine" com a produção da Universidade

Pág. 3



PESQUISA

Shoppings, onde nem tudo o que reluz é ouro.

Com regras próprias de comportamento, os shopping centers chegaram para ficar.

Pág. 12

INFORMÁTICA

IBM vence concorrência e informatiza UNESP

Pág. 10



Universidade e reforma constitucional

ANTONIO CARLOS BERNARDO



A força inercial que se pensava atuar exclusivamente no campo econômico, sendo até capaz de etiologia inflacionária, parece integrar também a área educacional.

A crise em que nos encontramos envolvidos, com a profunda desarticulação da esfera política, tem servido para descartar algo para o qual os cientistas políticos já chamavam a atenção há algum tempo: a privatização do espaço público com a conseqüente desvalorização das políticas públicas.

Ao mesmo tempo que, sem nenhuma reflexão e passivamente, assistimos ao "declínio do homem público", confundindo-o muitas vezes em sua concretude com as instituições e colocando sem distinção a todos em uma vala comum, oferecemos a oportunidade para que a sociedade comece a interrogar se universidades como a UNESP, a USP e a Unicamp devem permanecer públicas e gratuitas.

Recentemente, e pensamos que não por acaso, pois afinal estamos em tempos de revisão constitucional, a grande imprensa paulistana começou, sutilmente, a levantar a questão das universidades públicas. Como todo discurso que denota o signo do pensamento neoliberal, este também passa pelo que se imagina ser a descoberta do antídoto para todos os males socioeconômicos: a privatização. Em outras palavras, os nossos ilustres e ímprobos perquiridores ressaltam que a clientela das universidades públicas é privilegiada, pois aproximadamente 60% dos nossos estudantes cursam escolas de 2º grau particulares e têm sua origem vinculada às classes de renda mais elevada da população.

A análise mais acurada da realidade educacional não camufla os dados assinalados, ao contrário, acrescenta outros que servem para dar maior clareza ao processo de elitização.

Inicialmente, cabe ressaltar que, em qualquer tempo e lugar e em especial tratando-se da realidade brasileira, a universidade se constituiu para atender as elites econômicas. Este fato não eli-



um ensino de qualidade como em décadas passadas. Como produto final deste processo, os alunos das escolas públicas frequentam, quando possível, o ensino privado, enquanto as universidades públicas atendem uma maioria de alunos egressos das escolas particulares.

minou, contudo, a existência de contradições no processo, abrindo fissuras por onde passaram a ser atendidas as demandas de certos setores das classes médias e populares. Isso provocou, no limite, a democratização não só do corpo docente mas também do corpo discente. Ao mesmo tempo, especialmente a partir dos anos 70, o Estado passou a oferecer um maior número de vagas no 1º e 2º graus, processo que não foi acompanhado da necessária exigência de qualificação docente e de uma política que reconhecesse o papel social do professor ao mesmo propiciasse uma remuneração digna.

Todos esses fatores, que não são exclusivamente nacionais, mas no mínimo latino-americanos, atuaram na desvalorização da escola pública de 1º e 2º graus que, salvo raras exceções, não tem atualmente condições de oferecer

através do aumento da eficiência e aprimoramento da qualidade de suas funções nos planos do ensino, da pesquisa e dos serviços à comunidade. Este é o momento reservado às "elites intelectuais" para que realizem uma profunda reflexão sobre si mesmas e o seu papel em momentos de crise como a que atravessamos. A nossa "classe bem pensante" não pode fixar-se única e exclusivamente em seus interesses mais próximos. Com isso, demonstramos apenas nossa imensa dificuldade em sair do "espaço acadêmico", onde nos imaginamos capazes de produzir "formas descompromissadas e verdadeiras do conhecimento".

Em uma conjuntura onde a realidade nacional é explicitada por parâmetros absurdamente simplificados, passando inclusive por posições angelicais que afirmam a sua não responsabilização pela crise, as "elites acadêmicas" não podem permanecer surdas e insensíveis.

Precisamos ter muito claro que vivemos, ensinamos e pesquisamos em uma país pobre. Nesta condição, não podemos pulverizar recursos apenas para afagar o ego de grupos de pesquisadores. Faz-se necessária a implementação de uma política de ciência e tecnologia que estabeleça prioridades e atenda os grupos efetivamente capacitados ao desenvolvimento de trabalhos com retorno social.

Não se trata de abandonar a pesquisa básica nem de "comercializar o saber", mas de "racionalizar investimentos".

Este é o momento de criação do espaço para o estabelecimento de uma ampla e profunda discussão que sirva para potencializar um clima realmente universitário (isto na diversidade), onde não realizar pesquisas de ponta não represente um estigma, mas possa corresponder a um produto que sirva à sociedade.

As universidades estaduais paulistas ganharam com a autonomia administrativo-financeira, uma maior responsabilidade social, que as impele a prestar contas à sociedade.

Não vamos transformar a universidade em um "imenso balcão" ou negar a responsabilidade do investimento do Estado na educação. Todavia, o que não se pode mais admitir é que, sob o "manto da neutralidade científica" ou outra fábula que se pretenda, procuremos encobrir a inércia que envolve a área acadêmica em um país com mais de 32 milhões de miseráveis.

Antonio Carlos Bernardo é professor do programa de pós-graduação de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras do Câmpus de Araraquã e assessor da Assessoria de Relações Externas, Arax.

Reitor: Arthur Rogério de Macedo
Vice-reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Administração: Márcio Rubens Graf Kuchembuck
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bispo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: José Roberto Júnior
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Wagner José Oliva
Secretário-Geral: Darvin Beig
Diretores das Unidades Universitárias: Valdir de Souza (FO-Aracaju), Francisco Miguel

Belda Neto (FCF-Araraquã), Luis Roberto de Toledo Ramalho (FO-Araraquã), Telmo Correia Arrais (FCL-Araraquã), Cristó Bladimiro Melios (O-Araraquã), Carlos Evany Fantinati (FCL-Asais), Ivan Aparecido Manoel (FAAC-Bauri), Jehud Bertolozzi (FC-Bauri), Ivan de Domenico Valeris (FET-Bauri), Ricardo Antônio de Almeida Neves (FCA-Botucatu), Luiz Antônio Viani (FM-Botucatu), Luis Antônio Toledo (SB-Botucatu), Frederico Ozanan Papp (FMVZ-Botucatu), Paulo de Tasso Oliveira (IFDSS-Franca), Herman Jacobus C. Voorwald (FE-Guaratinguetá), Laurence Duarte Colvora (FE-Ita Sotéria), Nelson Gimenes Fernandes (FCAV-Jaboticabal), Cândido Galvez Venz (FC Marília), Márcio Antônio Te-

veira (FCF-Presidente Prudente), Sérgio Nereu Pegano (SB-Rio Claro), Marcos Aurélio F. de Oliveira (IGCE-Rio Claro), Paulo César Nazoum (IBICE-São José do Rio Preto), Rogério Lacaz Neto (FO-São José dos Campos) e John Edward Boudier (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor Chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Editor Adjunto: André Louzas
Redação: Denise Pellegrini, Emi Shizuma e Tânia Botlicks
Colaboradores: Marta Molini e Vera Lúcia Hangel
Editor de Arte: Celso Pupo

Fotografia: Adriana Zebrauskas, Colaborarem Monica Richter e Bel Pedrosa
Secretaria de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Revisão: Magna Reimberg Tebaldo e Maria Luiza Simões
Tragem: 22.500 exemplares
 Este jornal, órgão de Relações da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
 A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte. **Endereço:** Praça da Sé, 363, 6º andar, CEP 01001-900, São Paulo, SP. Telefone (011) 37-7120. Fax (011) 35-4535.
Composição, Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP

Por um sindicato de atuação ampla

Perto de completar um ano frente ao Sindicato dos Trabalhadores da UNESP, Sintunesp, Rosa Aparecida da Silva faz um balanço de sua gestão e aborda temas como o projeto de carreiras e as negociações salariais.

ANDRÉ LOUZAS

COMEÇO DIFÍCIL

Um grande problema que a diretoria enfrentou nesse primeiro ano de gestão foi a liminar que me impediu de tomar posse em março. As pessoas que impetaram essa ação alegavam que, pelo estatuto do Sindicato, Rosa não poderia ocupar novamente cargos na diretoria porque já havia participado das duas gestões anteriores. Isso nos deixou abalados, mas decidimos tocar o trabalho. Conversamos com o reitor e ele nos garantiu que reconhecia a legitimidade do processo eleitoral e nos aceitaria nos processos de negociação. Depois, em julho, o Tribunal de Justiça de São Paulo cassou a liminar. Porém, todo esse processo nos pegou justamente no momento da data-base, que é no mês de maio, e prejudicou a mobilização dos funcionários. Mesmo assim, conseguimos aumentar muito nossa representatividade, com um trabalho de base nos câmpus. Pudemos também pôr em prática a proposta de uma diretoria colegiada, em que cada diretor responde por um certo número de áreas. Queremos agora democratizar nosso estatuto para permitir, por exemplo, uma participação maior dos diretores de base na direção do sindicato. Já existe uma comissão estudando as mudanças no estatuto, que serão discutidas num congresso que deveremos realizar em fevereiro, no qual também pretendemos preparar as reivindicações para este ano.

AÇÃO AMPLA

Os sindicatos não podem ficar olhando apenas para o próprio umbigo e se restringir às questões específicas de sua categoria. Eles têm que perceber que elas são parte de um processo muito maior, que tem a ver com a estrutura de poder vigente e com o próprio sistema capitalista. Por isso, acho muito importante nossa atuação junto ao Fórum das Seis Entidades, que reúne professores e funcionários das três universidades públicas paulistas. Atualmente, temos uma grande identidade, as discussões com os reitores são organizadas em conjunto e não há mais aumento diferenciado para docentes e servidores. Ao lado de outras entidades, como a Apeocsp, o Fórum vem lutando na Assembléia Legislativa pelo aumento do percentual do orçamento do Estado destinado à Educação. No final do ano passado, apresentamos emendas à lei orçamentária estadual propondo que a parcela destinada às universidades passasse de 9% para 11%. Por falar nisso, a participação dos reitores nessa mobilização tem deixado muito a desejar.



“As universidades devem estar voltadas para a maioria da população, e não para uma minoria privilegiada que encomenda as pesquisas”

PROPOSTA DE CARREIRA

Em nível federal, nós participamos da Federação das Universidades Brasileiras, a Fapubra, que está elaborando um projeto de carreiras para as universidades do País. Nós apoiamos o projeto da Fapubra porque, em vez de uma multiplicidade de funções em cada área, como acontece no projeto da UNESP, ele propõe uma denominação única para os profissionais que trabalham na área de educação, por exemplo, o profissional de laboratório. Nesse caso, o trabalhador pode entrar como auxiliar de laboratório e ter uma perspectiva de ascensão maior na sua área, chegando a biólogo ou médico, desde que, é claro, preencha critérios como escolaridade. Esse plano prevê ainda que as avaliações de desempenho sejam feitas não só pelas chefias mas também pela comunidade daquele se-

tor e pelos usuários de seus serviços como, por exemplo, os médicos que utilizam o que um laboratório produz.

NEGOCIAÇÃO EM PAUTA

Em 1993, mesmo sem muita mobilização, junto com o Fórum conseguimos avanços, como a garantia de reposição da inflação do mês anterior. No entanto, em alguns momentos houve um aumento da arrecadação do ICMS que não foi repassado aos salários. Além disso, o Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp) não definiu ainda uma política salarial que garanta a reposição de todas as nossas perdas. No caso da discussão da pauta específica do Sintunesp com a Reitoria, houve alguns progressos. O reitor se comprometeu, por exemplo, a organizar um grupo de trabalho para reformar o Estatuto dos Servido-

res da UNESP, que contém itens hiperdefasados, como a proibição de sindicalização, algo que contraria a própria Constituição. Também ficou garantido que nenhum servidor será demitido sem que haja um processo administrativo garantindo ampla defesa. Há casos de diretores de unidades que demitiram funcionários, apesar de a própria comissão de sindicância não ter recomendado essa medida. Outro compromisso da Reitoria foi estudar a redução para seis horas diárias da jornada de quem trabalha em turno ininterrupto. Além disso, o reitor se incumbiu de determinar um levantamento sobre os casos de insalubridade na UNESP.

REFEIÇÃO E TRANSPORTE

Também apresentamos ao reitor um estudo para estender o vale-refeição e o vale-transporte para todos os funcionários e docentes. Pela nossa proposta, a parcela do valor desses vales que é reembolsável pelos servidores deixa de ser receita das unidades e passa a ser recolhida pela Reitoria, que aplicaria o dinheiro na execução dos dois programas. Segundo nosso plano, o percentual a ser pago pelos vales variaria de acordo com o salário do trabalhador. Por exemplo, quem recebe até um piso paga 4% do valor, enquanto quem ganha mais de dez pisos reembolsa 50%. Com esses percentuais, o ônus para a Universidade é insignificante. Estamos sugerindo ainda o aumento do valor facial do vale-refeição e que o servidor tenha direito de optar pelo vale-alimentação, que garante a compra de alimentos em supermercados. Além disso, queremos que não sejam concedidos apenas dois vales-transporte por dia útil, mas que seu número seja sempre suficiente para que o funcionário chegue ao trabalho. O reitor, em princípio, aceitou nossas propostas e agora estamos analisando estas questões com os assessores da Reitoria.

UNIVERSIDADE IDEAL

Queremos construir uma universidade a partir da visão do trabalhador. O saber produzido na Universidade deve estar voltado para a maioria da população e não para uma minoria privilegiada que encomenda as pesquisas. Se as universidades cumprirem esse papel social, elas darão um passo importantíssimo para impedir que esse projeto neoliberal que está aí, propondo a privatização dos serviços públicos e tudo o mais, vá em frente.



Arroz,
feijão
e...
jacaré.

Saborosa e nutritiva, a carne do réptil pode enriquecer a mesa do brasileiro.



HUUMMM Romanelli: sabor da carne de jacaré supera frango e peixe

Em termos culinários, o gosto do brasileiro médio costuma ser bem feio com arroz. E não há iguaria que o desvie de um bom bife, de uma saladinha de tomates e das inevitáveis batatas fritas. Foi assim, por exemplo, quando se tentou incluir nesse cardápio a carne de coelho ou de rã, até hoje consumidas frugamente em poucas regiões do País. Mesmo diante desse paladar conservador, porém, pesquisadores do Departamento de Tecnologia de Alimentos da UNESP de São José do Rio Preto trabalham em um projeto que visa levar a essa mesa um tanto destemperada um novo sabor: a carne de jacaré.

Macia, saborosa, com gosto semelhante à do atum, a carne de jacaré contém cerca de 22% de proteínas e 1% de ferro, além de cálcio e zinco em doses equivalentes às

das carnes de boi, frango e coelho. Com uma vantagem: seu teor de gordura atinge no máximo 5%, bem inferior aos 10% encontrados nas carnes bovina e suína. "Nosso objetivo não é substituir outras carnes, mas popularizar um produto que pode se tornar uma excelente alternativa de alimentação", explica o professor Pedro Fernando Romanelli, coordenador da pesquisa. "Seu sabor e suas características são de alta qualidade."

ECOLOGICAMENTE CORRETO

Os técnicos em alimentos de Rio Preto realizaram dois testes para verificar a aceitação do produto. O primeiro, onde foi utilizada carne fresca de jacaré empanada com farinha, teve a participação de 45 produtores. O resultado, unânime, não pode-

ria ter sido melhor: ela foi considerada ainda mais gostosa que as carnes de frango e peixe. O segundo teste, com dez pessoas, foi realizado para verificar o sabor do alimento enlatado — e o resultado, mais uma vez, foi animador. "Isso demonstra as amplas possibilidades para uma futura comercialização do produto", acredita Romanelli. Antes de iniciar uma segunda rodada de testes, desta vez em grande escala, os pesquisadores da UNESP têm de aguardar o interesse efetivo de alguma indústria. Enquanto isso não ocorre, a equipe continua estudando em laboratório outras formas de aproveitamento da carne. "Fixemos a salga do alimento e verificamos que ele pode ser preservado por até quatro meses", exemplifica Romanelli. O próximo passo da pesquisa será verificar as condições de defumação do produto.

As preocupações ambientalistas também não ficaram esquecidas pelos pesquisadores. Todos os jacarés abatidos até aqui foram criados em cativeiro, especialmente para esse fim. Aliás, ao contrário do que possa parecer, essa iniciativa tem lá suas vantagens ecológicas, como explica Romanelli: "Os dez criadouros do animal existentes hoje no País são voltados exclusivamente para a produção de peles, e a carne é desperdiçada. Se conseguirmos popularizar o seu consumo, cada jacaré abatido poderá enriquecer também a mesa do brasileiro".

Outra vantagem ecológica do projeto é que, em cativeiro, a eclosão dos ovos e o crescimento dos répteis chegam a praticamente 100%, ao contrário do que ocorre na natureza, onde ficam sujeitos aos ataques de outros animais.

Vera Lígia Rangel

Cola cirúrgica dá ponto sem nó

Adesivo biológico substitui, com vantagens, suturas em cirurgias.

As suturas e pontos empregados em cirurgias de pequeno, médio e grande portes, em todas as áreas da Medicina, podem estar com seus dias contados. Pesquisadores da Faculdade de Medicina e do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap) do câmpus de Botucatu, aliados a professores da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara, também da UNESP, vêm desenvolvendo há três anos um produto inédito em todo o mundo: a cola biológica, produzida a partir de veneno de cobra.

Segundo o coordenador do projeto, Fábio Cardoso Iuan, farmacêutico do Hemocestru do Hospital da Faculdade de Medicina de Botucatu, o produto deve substituir, em breve, os métodos tradicionais, com grande vantagem. Testada em ligadura de trompas e reconstrução do nervo clássico de camundongo, a cola surpreende pelo seu alto poder adesivo. Três minutos são suficientes para



José Coimbra

TRABALHO PIONEIRO
Cola biológica, a partir de veneno de cobra: alto poder adesivo

"colar" qualquer tecido. "A eficácia da cola pode reduzir as complicações pós-operatórias e abreviar o tempo de recuperação do paciente em até 70%", observa o cirurgião plástico Fausto Viterbo, da Faculdade de Medicina de Botucatu, integrante da equi-

pe. "A substância, de fácil aplicação, será especialmente valiosa em cirurgias corretivas, ensurtos de pele e reparo de terminações nervosas, situadas em locais de difícil acesso, como o final da medula espinhal", acrescenta Iuan.

De aparência gelatinosa, incolor e inodora, a cola biológica, ou de fibrina, é resultado da mistura de uma substância contida no veneno da cobra cascavél e fibrinogênio, uma proteína presente nos plasmas humano e bovino. Sua toxicidade está sendo testada em animais de laboratório, como ratos, coelhos e cães. "A cola deverá, em breve, ser liberada para produção em escala comercial, para consumo humano, a custos relativamente reduzidos", diz Iuan. O preço da cola de fibrina pode-

rá ser 50% menor que o da cola de trombina, derivada de sangue bovino e bastante utilizada no exterior. Dois laboratórios já manifestaram interesse em adquirir a patente do produto, registrado há cerca de dois anos.

Emi Shimma

HC oficializa banco de olhos



Silva, do HC: até agora, 60 transplantes

O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu acaba de oficializar a criação do seu Banco de Olhos, idealizado pelo Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da FM, a entidade de cunho filantrópico, foi fundada no dia 5 de novembro passado.

"O Banco de Olhos tornou-se imprescindível, uma vez que o número de transplantes de córneas tem aumentado ano a ano", diz Marcos Aguiar Moraes e Silva, supervisor do hospital. "Há uma média de 50 pacientes na fila de espera". Em 1988 foi realizado um único transplante; nos dois anos seguintes foram feitas quatro cirurgias. Em 1991, até novembro, foram contabilizados 22 transplantes. No total, foram executadas cerca de 60 operações. "A cirurgia melhora a visão do paciente em cerca de 80% dos casos", afirma Silva.

De acordo com Maria Theresia de Oliveira Neves Lazzarú, chefe da Seção de Serviço Social do HC e presidente do Banco de Olhos, o entidade pretende, desde já, promover campanhas para doação de córneas. "Além de auxiliar pessoas que necessitam de transplantes, o banco deverá estimular as atividades de pesquisas científicas." Todos os doadores serão devidamente cadastrados. "O Banco de Olhos é fundamental para o HC e para a população da região", diz Maria Theresia Lazzarú.

José Coimbra

“**Vejam só! (Vejam só!)
O jeito que o samba ficou... e sambou
Nosso povo ficou fora da jogada
Nem lugar na arquibancada
Ele tem mais pra ficar**”

Durante o carnaval de 1990, a Marquês de Sapucaí fez coro ao enredo “E o Samba Sambou”, tema do Grêmio Recreativo São Clemente, de autoria de Helinho, Mai Velho, Nino e Chocolate. De forma bem humorada, a escola criticou a transformação ocorrida nos últimos carnavais, principalmente nos desfiles realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo, que cresceram em número de participantes, ganharam resopagem de luxo e tornaram-se muito mais profissionais, sem espaço para a improvisação. Coisa para turista ver. Como resultado dessa “espetacularização”, o citado sambista censura o carnaval contemporâneo, que perdeu a espontaneidade e afastou-se do povo.

Fora do eixo Rio—São Paulo, no entanto, continuamos encontrando um carnaval extremamente popular. O povo está presente, nas ruas, em manifestações carnavalescas que remontam às origens folclóricas e religiosas de cada região, como os Maracatus e Caboclinhos, no Nordeste; os Afonés, na Bahia; o Bumba-meu-boi, em Santa Catarina; Farand, Mato Grosso; Alagôas e Pernambuco; e as brincadeiras de máscaras e batalhas de água em diversos Estados do País. Afinal, em que direção salta o carnaval? Será que a tendência dessa festa antigíssima, de grande alegria e liberdade, originária dos festejos pagãos egípcios e das orgias romanas (veja quadro nesta página), é tornar-se uma cerimônia bem-comportada e reservada para poucos? Entre pesquisadores e docentes da UNESP, muitos deles autênticos foliões, as opiniões ficam divididas.

Para alguns estudiosos, tentar disciplinar o carnaval brasileiro é obra para loucos. “Na era da informática e das comunicações de massa, praticam-se no Brasil expressões carnavalescas tão variadas que vão do espírito pós-moderno dos desfiles televisivos até ao modo contestador das batalhas de linhões”, explica o professor Alberto Bieda, de 40 anos, do Instituto de Artes da UNESP, em São Paulo. Musicólogo, o nissei Bieda estudou durante dez anos a transformação que o ritmo do carnaval sofreu, principalmente nos desfiles realizados no Rio e em São Paulo. Segundo ele, apesar da diversidade de ritmos, o carnaval já não é mais o mesmo. “Perdeu a ginga”, lamenta.

O que mais preocupou o musicólogo nessa pesquisa foi descobrir se as alterações ocorridas nas grandes escolas afetaram a criação do próprio samba. Depois de desfilar durante três anos como instrumentista na bateria da Escola de Samba Pérola Negra, em São Paulo, e realizar diversos estudos, Bieda chegou à conclusão que o samba transformou-se em marcha.

RITMO “QUADRADINHO”

O pesquisador mediu o andamento musical dos sambas das escolas do Rio e de São Paulo entre 1981 e 1991. Nesse período, descobriu que aumentou em 15% a aceleração no ritmo das escolas de samba do Rio e em 5% nas escolas de São Paulo. “Estão mais para marcha do que para samba”, garante. Segundo Bieda, o ritmo mais “quadrado” da marcha atende às necessidades de otimização do tempo das grandes escolas de samba, que têm um número cada vez maior de integrantes (entre três e cinco mil pessoas) e o mesmo tempo para atravessar a passarela: 90 minutos, no caso do Rio, e 70 minutos em São Paulo. “O carnaval de hoje reflete o ritmo das grandes metrópoles: é tenso e produtivo”, afirma.

Se, por um lado, Bieda faz sérias críticas ao carnaval carioca, por outro reconhece que os desfiles do Rio ganharam toques de irreverência e criatividade com o trabalho desenvolvido pelo carnavalesco Joãozinho Trinta que, durante 17 anos, defendeu as cores da Beija-Flor. “Ele tornou-se um marco na história do carnaval brasileiro devido às mudanças que introduziu na passarela do samba”, comenta. Segundo Bieda, foi graças a Joãozinho Trinta que se assistiu, pela primeira vez, no Sambódromo, ao desfile de imensos carros alegóricos, de mulheres e homens nus, interpretando temas extremamente polêmicos. Foi o caso do enredo Ratos e Urubus, largam minha fantasia, que em 1989



O CARNAVAL MUDOU MAS CONTINUA IRRESISTÍVEL

Pesquisadores da Universidade, de diferentes áreas, concordam: a maior festa brasileira já não é a mesma, mas não há como resistir a ela.

levou a Beija-Flor à Marquês de Sapucaí com um bloco de mendigos, abençoados por um majestoso Cristo Redentor, recoberto por um saco plástico, devido à imposição da Igreja. “Ele introduziu o luxo na avenida, mas nunca deixou de lado a irreverência e a crítica social”, lembra Bieda.

História, magia, ecologia e mitologia serão alguns dos temas que as escolas Unidas da Viradouro, União da Ilha, Beija-Flor e Tradição,

respectivamente, levam ao Sambódromo neste ano. A crítica mais contundente ao carnaval, entretanto, fica por conta da Portela, que escolheu para o desfile de 94 o enredo Quando o samba era samba, que mostra a história desse ritmo e as modificações que veio sofrendo ao passar dos anos. Na opinião do pesquisador Reginaldo Tech, 32 anos, do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Arte e Comunicação do cam-

pus de Bauru, a existência de enredos mais críticos é um fato recente na história do carnaval brasileiro. “Hoje, as músicas criticam muito mais as mazelas sociais do que antigamente”, opina.

Integrante da diretoria da Escola de Samba Mocidade Independente de Vila Rica, de Bauru, e apaixonado pelo carnaval, Tech estuda há três anos os enredos das escolas cariocas. Fez um cuidadoso levantamento bibliográfico, analisou mais

de 130 sambas compostos entre 1980 e 1989 e foi várias vezes ao Rio assistir aos desfiles. Os resultados foram surpreendentes. Segundo o pesquisador, com a redemocratização do País, na década de 80, as letras dos sambas começaram a denunciar os problemas brasileiros e os anos de repressão política. “Essa característica ainda permanece e divide espaço com outros tipos de samba, que ainda fazem a apologia do sonho e da fantasia”, diz.

Na avenida, uma vida passada a limpo.

Aquela 70 de fevereiro de 1991 foi um dia especial para Sidney Carlos Aznar. Talvez o mais importante dos seus dias tenha sido em seus 50 anos. Afinal, assistiu à história da própria vida desfilar em uma avenida e ser cantado, como tema carnavalesco, por 1.600 pessoas, é emoção para ninguém gostar de falta de ar”, lembra hoje Aznar, professor de folklore e coordenador do Departamento de Educação Artística da Faculdade de Arquitetura, Arte e Comunicação do campus de Bauru. Naquela data, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Avenida, de Cafelândia, cidade onde Aznar nasceu, a 75 quilômetros de Bauru, homenageou “Cid” com o tema “Ao meu, com carinho”.

Na letra do samba, a escola destacou a tese de doutoramento do professor, “Vinheta: do pergaminho ao vídeo”, defendida em 1990, na USP. Na pesquisa, Aznar faz uma retrospectiva histórica das maneiras que a humanidade encontrou para comunicar-se, da Antiguidade aos nossos dias. “Desde a época de Abraão, os homens já se comunicavam através de ritmadas”.

CARÁTER POPULAR

Para outros intelectuais, no entanto, as reprovações ao carnaval contemporâneo não desprestigiam a festa nem abalam a crença dos verdadeiros foliões. Pelo menos é o que pensa o sociólogo Edemir de Carvalho, 43 anos, da Faculdade de Filosofia e Ciências do campus de Marília. “O caráter popular do carnaval é indiscutível”, diz ele. O fato de o carnaval ter uma característica mais comercial nas grandes cidades brasileiras não ofusca, na opinião do sociólogo, os componentes mágicos que propiciam descontração coletiva e desabaço das tensões. “É a hora certa para se debochar da sociedade”, avalia. “Ninguém fica completamente imune aos festejos”.

Numa tese que defendeu na USP, em 1988, o historiador Benedito Miguel Gil, de 61 anos, da Faculdade de Ciências e Letras do campus de Assis, fez uma inesperada análise do carnaval, comparando-o com as festas dos curilhos católicos que funcionaram no Brasil entre 1962 e 1987. “O curilho era um ritual, como o carnaval, que se utilizava da festa para transmitir ensinamentos cristãos às pessoas”, sustenta. Segundo Gil, essas reuniões duravam três dias e as pessoas comiam e bebiam juntas sem imposição de regras sociais e em completo clima de igualdade. “No carnaval acontece o mesmo”, compara. “Há uma inversão de papéis onde normalmente o pessoal do morro vira rei, vedete e manequim e vice-versa, numa espécie de desforra”.

Para Gil, o carnaval não é um momento de alienação, como teorizam muitos, nem tampouco uma festa “diabólica”. “É um momento de sociabilidade, libertação e muita dança”, afirma ele, que religiosamente costuma brincar o carnaval em clubes. Opinião contrária tem a historiadora Zélia Lopes da Silva, 49 anos, do campus de Assis, que estudou o carnaval de São Paulo na representação pictórica e literária, entre 1923 e 1945. De acordo com ela, nesse período os jornais faziam severas críticas ao carnaval. “Os intelectuais da época consideravam essa festa alienada, promovida pela classe dominante para dissolver as lutas de classe”, observa.

De acordo com Zélia, a partir de 1938 começam a ocorrer mudanças significativas no carnaval, que se torna mais popular com a introdução do samba e, conseqüentemente, dos negros nos grandes desfiles de rua. Mas, na sua opinião, até hoje o carnaval permanece com características alienadoras. “Acredito que a alienação não venha do carnaval, mas sim do fato de ele estar inserido numa sociedade de consumo”.

Vários motivos levaram a cidade a homenagear o pesquisador. “Cid é uma das pessoas mais queridas e populares do município”, justifica Maria Amélia Merendi, coordenadora de Cultura de Cafelândia. Segundo conta, é Aznar quem organiza todos os eventos artísticos da cidade, entre eles o “Cafelartes”, uma das maiores feiras de artes do Estado. De uma população de 18 mil habitantes, Aznar é o único com título de doutor. “É o nosso cidadão mais ilustre”.

Vestido com um smoking estampando as cores da escola — amarelo, preto, branco e vermelho — Cid foi destaque, junto com seus parentes, no carro abreviado, equipado com um grande espelho que refletia sua imagem. A ala das baianas, nas fantasias e adereços de mão, fez referência às embreitas de abertura das novelas “Luz Cheia de Amor” e “Rainha da Sapatia”, citadas pelo pesquisador em sua tese.

Aznar lembra que o momento de maior emoção aconteceu durante o aquecimento da escola, já na avenida, quando o coro começou a cantar o samba que faz referência à sua vida. “Foi a primeira vez que ouvi aquela música”, recorda. “Meus amigos quiseram fazer uma surpresa e quase me mataram de emoção”.

que incentiva nessa época do ano o uso de fantasias ousadas e promove a exibição da sexualidade”, reflete.

AMANTES CONTIDOS

Não foi apenas a cara do carnaval que mudou. O comportamento dos foliões também já não é o mesmo. A tão evocada liberalidade sexual tornou-se proibitiva nos dias de hoje, inclusive no carnaval. Essa é a opinião do professor Odil José de Oliveira Filho, 40 anos, do Departamento de Literatura do campus de Assis. Para ele, a Aids mudou drasticamente o comportamento dos foliões nos últimos carnavais. “Antes esta festa representava também a liberação sexual”, lembra. “Hoje, não dá mais para ser assim”. Para a psicóloga Marilene Krom Paçola, de 44 anos, da Faculdade de Ciências do campus de Bauru, a Aids, de fato, retrota o ânimo dos amantes no carnaval. Mas não dos mais jovens. “Os adolescentes, com a crise da identidade, continuam expostos a situações de risco, como drogas e Aids”, alerta.

Organizado, censurado, cronometrado, reprimido, espetacularizado, não importa. Ao soar o primeiro roncô da caixa, no sábado, dia 12 de fevereiro, 150 milhões de foliões desembarcam, siderados, neste universo de sonho e fantasia. Mesmo que, no fundo, saibam que tudo termina na quarta-feira de cinzas.

Tânia Bellicas



A festa, das origens aos nossos dias.

A certidão de nascimento do carnaval perde-se na poeira dos tempos. Há quem situe sua origem dez mil anos antes de Cristo, nos festejos rurais dos povos da Antiguidade. Outra versão localiza os primórdios do carnaval nos homenajes feitos pelos egípcios às divindades Isis e Apis, e ainda os que afirmam que ele começou na Grécia, há seis séculos a.C. De qualquer forma, o carnaval parece mesmo ter ganho consistência e regularidade na Roma antiga, onde, entre dezembro e fevereiro, os romanos saíam às ruas mascarados, brincando e cantando. E com tamanho entusiasmo que a Igreja Católica, alarmada com o caráter pagão e com a licenciosidade de dos festejos, decidiu reduzir sua duração: a partir de 313 d.C., as brincadeiras ficaram restritas aos três dias que antecedem a quarta-feira de cinzas.

Mais contido e organizado, nem por isso o carnaval perdeu o seu pique. Ao longo dos séculos, foi se disseminando pelo mundo e assumindo as cores próprias dos locais onde era festejado. Na Europa, o for-

te da festa continuou sendo os bailes de máscaras e desfiles de carros alegóricos. Apesar de mundialmente famosos, porém, os carnavais de Veneza, Marinha e Colônia, por exemplo, não mantiveram as características de manifestação coletiva e popular, fortemente sensual, do carnaval original.

Também no Brasil o carnaval passou por várias modificações, até adotar os bailes de máscaras, ao estilo europeu, em 1825. Em 1850, o português Zé Pereira saiu pelas ruas do Rio de Janeiro, em pequena e animada passeata, lançando as sementes dos blocos e escolas de samba — a primeira delas, Deixa Falar (hoje Estácio), foi criada em 1917, no Rio de Janeiro.

Hoje, o carnaval é considerado nossa grande festa. No entanto, o que ganhou em organização parece ter perdido em espontaneidade. Profissional, racional e cada vez mais luxuoso, o carnaval, sobretudo o carioca, vem se transformando progressivamente em “festa para inglês ver”. E perde sua principal característica: a participação espontânea, emocionada e emocionante da população.

Parceria de resultados

Através de amplo convênio, o câmpus de Araraquara presta assessoria à Prefeitura da cidade em áreas como educação e saúde.

Qualificação de profissionais das áreas de educação e saúde, organização de um centro de reabilitação, controle da qualidade da água que serve o município, análise microbiológica de alimentos. Esses são apenas alguns exemplos de trabalhos que o câmpus da UNESP de Araraquara tem desenvolvido em conjunto com a Prefeitura local. A união está sendo facilitada por um convênio "guarda-chuva", firmado entre as duas partes no início do ano passado e que está se multiplicando através de vários termos aditivos.

"O que existe entre a Prefeitura e o câmpus não é apenas um atendimento, mas simples atividade de extensão", apressa-se em dizer o presidente do conselho diretor do câmpus e um dos responsáveis pelo convênio, professor Luís Roberto de Toledo Ramalho. "Essa relação deve ser uma via de mão dupla. Os docentes envolvidos têm de receber desses trabalhos material para suas pesquisas, de onde virá o retorno para a Universidade", completa.

A receita de Ramalho tem sido seguida à risca pelo professor Júlio Cesar Rocha, do Departamento de Química Analítica do Instituto de Química (IQ). Rocha é o responsável por um projeto de análise de metais, como ferro, chumbo, cobalto, níquel e zinco, na água que abastece a cidade. A Prefeitura recebe amostras da água e leva para o IQ. Juntamente com todo o material de consumo que será gasto nas análises. "Os resultados, que saem a cada 20 dias, estão formando um banco de dados, que será útil para a realização de pes-

quisas ambientais e a consequente formação de recursos humanos", completa Rocha.

EDUCAÇÃO E SAÚDE

A qualificação do pessoal da área de educação infantil representa outro desdobramento do convênio. "Através do Centro de Estudos, Assessoria e Orientação Educacional (CEAO), trabalhamos na formação de cerca de 600 profissionais dos Centros de Educação e Recreação, que atendem 8.000 crianças de 0 a 6 anos", explica a professora Durlei de Carvalho Casicchia, do Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). O Centro Regional de Reabilitação, que atende crianças de 0 a 12 anos com problemas mentais, é outro ponto que tem unido os profissionais da Universidade e da Prefeitura. "Juntamente com o CEAO, estamos organizando todo o fluxo de atendimento do centro", afirma a professora Marlene Aparecida Gonzales Colombo Arnoldi, do Departamento de Psicologia Social da FCL.

Segundo Václav Curi Rodrigues, secretário de Saúde do município e docente do Departamento de Morfologia da FO, com a assessoria da UNESP a Prefeitura pode dar um atendimento de melhor qualidade à população. "Não temos aqui os recursos humanos altamente especializados que existem na Universidade", reconhece. Essa competência é o que tem levado o executivo municipal a recorrer à FO para elaborar, por exemplo, concursos visando a contratação de dentistas ou mesmo



MÃO DUPLA
Rocha, Durlei e o secretário de Saúde Rodrigues (em sentido horário): a Universidade assessora o município e aprimora seus métodos de pesquisa

curios de reciclagem para os profissionais já pertencentes aos seus quadros.

ALIMENTOS

A FO deverá responder, ainda, em breve, pelo atendimento odontológico de cerca de 1.000 pessoas, que vivem no assentamento de Bela Vista, zona rural a 12 quilômetros de Araraquara. "A Prefeitura nos cedeu o espaço e o material e seis alunos do quarto ano farão o tratamento curativo e preventivo em adultos e crianças", explica o vice-diretor da FO, Wellington Dinelli.

Estão em negociação ainda vários outros termos aditivos ao convênio, visando, por exemplo, a fabricação de medicamentos e a produção de iogurte de soja para a merenda escolar, ambos projetos da Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Também dentro da área

de nutrição, a FCF já vem realizando, desde junho do ano passado, uma análise minuciosa dos lanches servidos em 140 carrinhos espalhados pela cidade. "Com base nesses resultados, a Vigilância Sanitária deverá fazer um trabalho educativo com os comerciantes", explica a professora Maria da Penha Longo Montali, do Departamento de Alimentos e Nutrição, que já ministrou um curso denominado "Higiene na manipulação dos alimentos", para todos os ambulantes.

Para o prefeito da cidade, Roberto Massafra, a união entre a Prefeitura e a UNESP foi a maneira encontrada pelo executivo municipal para transformar a massa crítica da Universidade em políticas públicas. "Com a assessoria da UNESP, é mais fácil para a Prefeitura buscar soluções para os problemas da comunidade".

Dinheiro, aqui, não é problema.

Alunos de Araraquara criam cursinho pré-vestibular gratuito para estudantes carentes

Os alunos-professores do CUCA: aulas de segunda a sexta, no período noturno



Os estudantes carentes da região de Araraquara não terão mais de interromper seus estudos por falta de dinheiro para pagar um bom cursinho pré-vestibular. Pensando nesses, uma comissão de alunos criou o Curso Unificado do Câmpus de Araraquara (CUCA), um cursinho preparatório gratuito ministrado por estudantes de graduação e pós-graduação das quatro unidades locais. "Estudamos em uma universidade pública, sustentada pela população", diz Alexandre Soares de Oliveira, 23 anos, quartanista de Química e um dos coordenadores do CUCA. "É esta é a maneira que encontramos de retribuir".

Identizado pelos alunos de Química e Farmácia, o projeto logo ganhou a adesão de estudantes de outros cursos e foi prontamente aprovado pelo Conselho Diretor do câmpus, que participou de sua elaboração. "Muitas pessoas com grande potencial intelectual estão fora das universidades públicas porque não têm condições de pagar um bom curso preparatório", afirma Cristó Bla-

dimiro Melios, diretor do Instituto de Química e integrante do Conselho. "É preciso romper com este círculo vicioso".

A vontade de democratizar o acesso ao conhecimento mobilizou também os professores da UNESP, que manifestaram seu apoio ao projeto selecionando os vinte alunos-professores através de uma prova de conhecimentos gerais e de uma aula-teste. Para José Fernando Itabari, 22 anos, tercinista de Farmácia e um dos selecionados, participar do projeto é duplamente interessante. "Além de contribuir para aumentar as oportunidades do pessoal carente, ganho treino profissional na medida em que aprendo a organizar, administrar e aperfeiçoar minha didática".

Houve grande procura pelos oitenta vagas oferecidas pelo CUCA. Os escolhidos tiveram de passar por um teste de conhecimentos gerais e apresentar comprovantes de baixa renda. As aulas terão início em 21 de fevereiro e serão ministradas de segunda a sexta, no período noturno, e aos sábados, pela manhã.

O sucesso de Ilha Solteira

Os estudantes do câmpus de Araraquara não foram os primeiros a montar um curso com alunos-professores. Há cerca de dez anos, a falta de um cursinho pré-vestibular em Ilha Solteira levou a criar um curso do câmpus de UNESP local a criar um curso com esse objetivo, o **DAFERS-Integrar Os professores foram selecionados entre os pré-vestibulares anônimos, após uma aula-teste. Apoiada pelo Diretor Acadêmico, a iniciativa foi muito bem recebida pelos secretários.**

"Hoje, o cursinho é um sucesso", garante o aluno-professor Luiz Miguel Martins Garcia, 22 anos, quartanista de Engenharia Civil. "Nos vestibulares de 1992, nosso curso conseguiu um índice de aprovação três vezes maior que o dos cursinhos tradicionais

da região. Desses, mais de 50% entraram em universidades públicas".

Atualmente, o cursinho de Ilha Solteira conta com 80 alunos, que pagam uma mensalidade equivalente a pouco mais de 1/4 de um salário mínimo — em dezembro de 1992, a mensalidade era de CR\$ 5.000,00. Aquelas que conseguem os melhores desempenhos nos simulados mensais têm 50% de desconto e as que atingem mais de 70 pontos não pagam nada. Há também uma bolsa integral para alunos carentes.

Em dezembro passados, os alunos-professores de Ilha Solteira elaboraram um manual com dicas de como montar um cursinho. Os interessados em adquirir a publicação devem entrar em contato com Luiz Miguel ou Marcos Delacruz, pelo telefone (017) 62-2688.

A revolução solitária

FRANCISCO FOOT HARDMAN

Seguindo as pegadas de Mário Pedrosa, o autor investiga a oposição de esquerda, de orientação trotskista.

Este livro pode ser lido antes de mais nada como uma história de amor. Amor do filósofo por causas falidas, pela recordação de um passado perdido que suscita, por alguns instantes, o implacável triunfo do tempo anafador das diferenças. Amor pela pesquisa arqueológica de fragmentos da história pessoal, a amizade e a solidariedade num reduzidíssimo círculo de amigos como fontes primárias substituíveis para além da historiografia de grandes tendências, de uma narrativa de falas e feitos cristalizados.

Amor sobretudo de quem já militou clandestinamente nesse sonho gigante chamado "revolução brasileira", de quem já experimentou azares e sortes, riscos e resultados, loucuras e clarões de cada gesto solitário rapidamente absorvido na enorme máquina coletiva, centralista e disciplinada desse "proletariado do espírito". Amor pelo teatro de nossa história contemporânea, pelos atos indelével e trágico que vinculam nossa "vagabunda paisagem" às guerras todas do século, internacionalismo que não é aqui pose abstrata, nem mera sucessão cática de imagens da "política-mundo" via satélite, mas método concreto de produção do sentido, história que, sendo amorosa, preenche-se de nervos, sangue e carne cujas ligaduras atravessam as fronteiras e instalam-se nos desvios do planeta e nos descaminhos solitários da humanidade.

Docente ligado ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, e diretor de publicações da Editora UNESP, José Castilho Marques Neto, entre tantas qualidades intelectuais, reuniu, neste trabalho de uma década, a paciência do arquivista e a ansiedade do publicista. As valiosíssimas cartas de Mário Pedrosa para Lívio Xavier, principal fonte histórica deste volume, foram gravadas com o cuidado artesanal de um escavador de raridades. Ao mesmo tempo, o exame toleico rigoroso da história do movimento comunista internacional nos anos 20, efetuado pelo autor, foi capaz de articular, de modo coerente, a trajetória individual de uma militância nos impactos políticos, culturais e sociais da "revolução permanente" no contido provincianamente



Mário Pedrosa, última foto, Rio de Janeiro, 1981. Foto de Dal Pedrosa

problemático da esquerda sindical e partidária de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Castilho sabia, há muito tempo, que havia descoberto algumas jóias raras de alto poder corrosivo em relação a verdades históricas estabelecidas, que tinham como versão única consagrada a prosa oficial e auto-complacente do Partidão.



Solidão Revolucionária — Mário Pedrosa e os origens do trotskismo no Brasil, de José Castilho Marques Neto. Editora Paz e Terra, capa de Isabel Carvalha, 350 páginas, CR\$ 5.063,00.

Por isso preparou sua tese de doutorado escrevendo-a já sob forma de livro, consciente da urgência em tornar públicos processos e debates ainda tão obscuros sobre as origens, no Brasil, de uma das dissidências comunistas mais antigas, férteis e intelectualmente bem municiadas. Sua organização na aparência precoce está a indicar, na verdade, que, sob

a capa do modelo bolchevique de partido de quadros para a revolução, mal se escondem um dos nós mais indigestos da esquerda socialista na modernidade: como revolucionar a sociedade sem traír os "amigos do povo", sem burocratizar ideais? Ou, ao reverso: como fazer a transição para o socialismo democrático sem capitular diante das engrenagens da ideologia do progresso e da máquina-dinheiro?

Por isso, Castilho mostrou, além de muita sorte e suor, a humildade de deixar que os mortos falassem. Este é, talvez, o derradeiro e mais tocante sinal de amor que este Solidão Revolucionária — Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil revela: os impasses e perplexidades de homens de tão bom caráter e arguta visão como Mário Pedrosa e Lívio Xavier tornam suas vozes muito parecidas com as nossas. Seus reclamos e críticas são, em essência, os que ainda hoje preferimos. Seu profundo mal-estar diante da cultura e da política institucionalizadas é por assim dizer idêntico ao que sentimos. Sua sensação de não estar de todo, de não fazer parte por inteiro dessa "comunidade imaginada" vem de longe e chega, também, até nós.

Sua solidão — em sociedade — é à maneira da que hoje vivemos. E por que haveria de ser revolucionária, afinal? Talvez porque souberam ou tentaram, quase sempre, não ser coniventes com seu isolamento. Transformaram sua solidão em fonte de combate, de crítica, de conhecimento. Contra as tacanices do comunismo burocrático de algebeira e do modernismo provinciano de salão, preferiram as margens da história nas franjas político-culturais mais à deriva dos anos 20 e 30. No universo unidimensional da contemporaneidade, hoje seria muito mais raro encontrar exemplos de tão libertário despreendimento. Restam-nos seus sinais luminosos. Por que perderam? Para salvar, quem sabe, um futuro livro de amor: aquele tramado descontinuamente, preservado ao acaso, mas também com tenacidade radical, escrito nos veios ocultos da pura ética, do afeto solidário e da amizade solar — em se fazendo e tratando da única política digna do nome. Aquela que revolucione a própria política.

Francisco Foot Hardman é professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp e diretor associado do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Este texto foi escrito originalmente para a apresentação do livro.

LANÇAMENTOS

Entre o bem e o mal

Profunda conhecedora das múltiplas facetas da literatura, que ensina na Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Assis, Maria Lúcia Pinheiro Sampaio é poeta, contista e ensaísta. À sua já numerosa obra — tem 11 livros publicados — vem se somar agora este *O Deus de Duas Cabeças* (Jôão Scorrecci Editora; 122 págs.; CR\$ 1.700,00), onde analisa, em 22 contos, os desejos existentes entre o bem e o mal. Em histórias como *A criação do mundo*, *Paracebo*, o alquimista, *A serpente e o peixe* ou *Eros e Afrodite*, a autora revisita mitos para, sempre privilegiando a poesia, lançar luz sobre enigmas e mistérios da natureza humana. Dela disse o crítico Cláudio Párrera: "Seus contos são relatórios da impotência humana, da impossibilidade de transformar a realidade palpável".



O assunto aqui é pomar

Com o crescimento industrial, a predominância das grandes culturas e o êxodo rural das últimas décadas, assistiu-se ao abandono quase total de uma prática até então comum entre proprietários de sítios, chácaras e até mesmo quintais: o cultivo de pomares. E foi justamente pensando na correção desta distorção que o engenheiro agrônomo Luiz Carlos Donado elaborou este *Noções Práticas de Fruticultura* (Fundação Cargill, 74 págs., sem preço). Trata-se de um boletim didático com as informações básicas para o planejamento, plantio e formação de um pomar. De quebra, o autor, que é docente da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal, enfiara informações sobre 20 frutíferas, como figo, caqui, manga, macadâmia, pêssego e uva.



Matemática esclarecida

Escrito de forma a acompanhar o aluno de segundo grau ao longo de toda sua trajetória, *Curso de Matemática, Volume Único* (Editora Moderna; 558 págs.; CR\$ 6.355,00), de Edvaldo Bianchini e Herval Pascola, é, também, um importante aliado do professor na delicada tarefa de ensinar. O livro, como explica Pascola, docente do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências do câmpus de Baum, surgiu a partir de várias sugestões feitas por colegas, ansiosos por uma obra que reunisse em um único volume todo o conteúdo do curso de segundo grau. O resultado é um livro a um só tempo compacto e completo, claro e rigoroso. Com uma novidade: a inclusão de um capítulo sobre matemática financeira, cada vez mais exigida nos últimos exames vestibulares.



INFORMÁTICA

Tecnologia reduz distâncias

IBM fornecerá a Universidade equipamentos no valor de US\$ 18,2 milhões

Neste ano, a UNESP dará início à tão esperada informatização nas áreas acadêmica, científica e administrativa. A IBM foi a vencedora do processo de licitação internacional, aberto em outubro último, devendo fornecer à Universidade, num prazo de três anos, equipamentos no valor de US\$ 18,2 milhões. A empresa, única a participar do processo de concorrência, cumprirá todas

as exigências constantes do edital, como a doação de equipamentos, em regime de comodato, no mesmo valor gasto pela Universidade, além de um convênio de cooperação tecnológica. O contrato entre a UNESP e a IBM foi assinado no dia 23 de dezembro último, na Reitoria.

"A informatização é primordial para a UNESP, principalmente por ser uma universidade multicampus", assinalou o reitor Arthur Roquete de Macedo, durante a assinatura do contrato com a empresa. Para o reitor a IBM será uma parceira da maior importância. "Quando foram abertos os envelopes da concorrência, tivemos uma grata surpresa em ver a excelência de seu projeto e a adequação ao que solicitávamos no edital. Até mesmo a proposta financeira era inferior às nossas projeções, que foram baseadas em pesquisas de mercado", completou. "Para a IBM, essa parceria vem consolidar um sonho antigo de desenvolver um trabalho conjunto com a UNESP", destacou Paulo Albuquerque Melo, diretor de Marketing - Setor de Ensino, Pesquisa e Saúde da empresa.

com Nelson Carneiro, representante de negócios da IBM.

Mesmo não tendo cocorrentes, a IBM passou por todas as etapas previstas no edital antes de ser aprovada como a fornecedora da extensa lista de aparelhos. A empresa equipará a Universidade com cerca de 2.500 micros, 400 workstations, 48 servidores computacionais, 26 roteadores, 200 impressoras laser e 1.400 matriciais; além de scanners e plotters.

"A UNESP desembolsará US\$ 9,1 milhões e a IBM arcará com os outros US\$ 9,1 milhões", explicou Francisco. O pagamento será parcelado: 25% de entrada e o restante em três anos. A transação, porém, inclui ainda o investimento, pela IBM, de 6% do valor pago pela UNESP no apoio aos cursos voltados para a computação e no intercâmbio de docentes. "Nossos professores poderão trabalhar no desenvolvimento de pesquisas na área de informática tanto no Brasil como no Exterior", adiantou Francisco.

Para Carneiro, da IBM, a importância deste negócio, o maior já feito pela empresa com uma universidade brasileira, é muito mais que comercial. "Nossa estratégia é estar dentro da UNESP para utilizá-la como uma vitrina de nossos equipamentos para todo o Estado", revelou. "Além disso, queremos a Universidade como uma parceira no desenvolvimento da informática." Segundo o reitor, os primeiros beneficiados pelo programa serão os câmpus de Bauri, Rio Claro e São José do Rio Preto. "Já no início do ano letivo de 1994, os cursos da área de informática estarão recebendo os seus microcomputadores."



PARCERIA
Carneiro e Melo, da IBM, e o reitor: sonho antigo

LICITAÇÃO

Gerson Francisco, presidente da Comissão Supervisora de Informática e assessor-chefe da Assessoria de Informática da UNESP, informou que existiam outros interessados em participar do processo, mas não se prepararam a tempo. "Algumas empresas pediram a prorrogação do prazo, o que foi negado", justificou. "Foi uma surpresa participarmos sozinhos dessa licitação. Outras empresas não deram à UNESP a importância devida", afir-

AVALIAÇÃO

Concluída a primeira etapa

Foi concluída, no final do ano passado, a primeira avaliação acadêmica global dos departamentos da UNESP, visando não só conhecer a produção da Universidade, como também permitir mudanças na sua estratégia de desenvolvimento. No dia 16 de dezembro, os membros do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE), órgão colegiado incumbido pelo estatuto de coordenar a tarefa, receberam um extenso relatório contendo desde o histórico do processo até as conclusões obtidas com a aplicação de dois modelos matemáticos. O próximo passo será a apresentação e a discussão da matéria na primeira reunião do CEPE de 1994, no dia 8 de fevereiro.

"Os conselheiros devem analisar o relatório com muita atenção e fazer observações críticas sobre os resultados", afirmou o presidente do CEPE, vice-reitor Antonio Manoel dos Santos Silva. Segundo ele, essa primeira etapa, que acaba de ser concluída, teve um caráter de diagnóstico. "Depois disso, deveremos partir para uma análise qualitativa e explicativa de nossa produção em ensino, pesquisa e extensão universitária", completou.

AVALIAÇÃO PERMANENTE

A avaliação da Universidade teve início em 1989, com a formação de uma comissão incumbida de definir critérios para o seu encaminhamento. O projeto foi tomando forma até que, em julho de 1992, o CEPE iniciou a aplicação de um projeto-piloto nos câmpus de São José do Rio Preto e Presidente Prudente. Aproveitados os dois modelos matemáticos utilizados, um grupo de trabalho,

formado em março de 1993, implementou a análise nos quase 200 departamentos da Universidade. Os dados, baseados em 56 indicadores constantes de planilhas preenchidas pelos departamentos, foram trabalhados estatisticamente para determinar os departamentos mais eficientes e os menos produtivos da Universidade nos anos 1991 e 1992.

"Os resultados obtidos servirão para balizar pesquisas futuras", definiu o professor José Antonio Carneiro, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas do câmpus de São José do Rio Preto, um dos estatísticos que fizeram parte do grupo de trabalho. Para ele, os instrumentos estatísticos utilizados foram eficientes, reproduzindo a realidade apresentada pelos questionários. "Mas acreditamos que os números fornecidos não são totalmente confiáveis", completou. Por isso, o grupo acredita que a Universidade deve rever e uniformizar procedimentos, como a contagem de carga horária, por exemplo, para que a avaliação não fique comprometida.



O Processo será retomado pelo CEPE em fevereiro
DIAGNÓSTICO
Antonio Manoel: agora, análise qualitativa

OFICINA
Integração, criatividade e amor à natureza



A milenar arte floral

A sala do Conselho Universitário (CO) transformou-se, no último dia 29 de novembro, em uma grande oficina de ikebana. O evento, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex) e realizado pela Fundação Mokiti Okada (Moak), contou com a presença de cerca de 70 funcionários de diversos departamentos da Universidade. Em duas horas e meia de atividades, os participantes conheceram um pouco sobre a milenar arte floral oriental. E, com as rosas vermelhas, samambaias e flores silvestres fornecidas pela fundação, fizeram suas próprias ikebanas.

"Esta arte promove a integração, desenvolve a sensibilidade e a criatividade e incentiva o amor à natureza", declarou Hiroko Ayama, professora de ikebana da fundação Moak há 20 anos. "Sempre que possível, iremos promover cursos como este", garantiu Wilma Militão, do projeto "Esporte e Lazer", da Proex.

Contra a trombose, dilatação

Entre as cirurgias plásticas, não existem dúvidas: a melhor forma de evitar a formação de coágulos de sangue no aparelho circulatório, origem da trombose, é dilatar as artérias durante uma microcirurgia. A conclusão é dos professores Arthur Roquete de Macedo, Fausto Viterbo de Oliveira Neto e Guilherme J.M. Rosa, do Departamento de Cirurgia e Ortopedia da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu, autores do trabalho "O efeito da dilatação mecânica do

vaso na anestesia microvascular". Esse estudo foi premiado como a melhor pesquisa na área de microcirurgia durante o 30.º Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica, realizado entre 7 e 11 de novembro último, em Curitiba.

De acordo com Viterbo, o objetivo do trabalho, que durou cinco anos, foi eleger o melhor procedimento a ser adotado pelos cirurgiões plásticos. Dilatar ou não os vasos sanguíneos em casos de microcirurgias. "Não havia consenso entre os especialistas da área",

explica o cirurgião. O trabalho é baseado em experiências com ratos: em alguns deles foi cortada a artéria na região da virilha e depois costurada, sem sofrer dilatação. Em outros comandados, a artéria foi dilatada antes de se fazer a sutura. "Concluímos que a existência de trombose é menor nas cirurgias em que os vasos foram dilatados", avalia Viterbo. O professor Arthur, reitor da UNESP, foi o orientador desse trabalho e o professor Guilherme Rosa, responsável pelas análises estatísticas.

PALESTRA

“Deixar de pagar o ICMS é apostar contra o Estado”

Secretário da Fazenda alerta para sonegação de impostos

O imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) corresponde a 95% da arrecadação tributária no Estado de São Paulo. Para o secretário da Fazenda, Eduardo Maia de Castro Ferraz, isso representa um sério problema. “O ICMS é o carro-chefe das finanças do Estado e não podemos depender de uma única fonte de recursos”, alerta. As declarações de Castro Ferraz foram feitas durante palestra sobre a atual conjuntura econômica no último dia 26 de novembro, no auditório do Instituto de Biociências do câmpus de Botucatu.

Para uma plateia de cerca de 40 pessoas, entre docentes e alunos da unidade, o secretário afirmou que estão sendo estudadas alternativas para a crise fiscal no Estado e a substituição do ICMS. Na sua opinião, o ideal seria encontrar um índice para controlar as finanças do Estado que não fosse atrelado à política econômica do governo federal. “Quando o País está mergulhado em recessão e mantém uma inflação em alta, o ICMS é afetado”, explicou. “E, automaticamente, as finanças do Estado caem.” Hoje, cerca de 9% da cota-

parte do Estado do ICMS é destinada às três universidades estaduais, UNESP, USP e Unicamp.

UN BILHÃO DE MULTAS

Acompanhado do reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo, e do secretário do Trabalho, Milton Antônio Casquel Monti, Castro Ferraz enfatizou, durante o encontro, a necessidade de a população exigir nota fiscal em suas compras. “Os comerciantes, no açougue, na padaria ou em lojas de shopping, por exemplo, têm obrigação de dar esse comprovante”. Segundo ele, a infraestrutura básica do Estado, como estradas, hidrovias, escolas e hospitais, foi montada e é mantida com recursos do ICMS. “Não pagar esse imposto é apostar contra o Estado”, reiterou. O secretário ressaltou, porém, que um dos grandes problemas enfrentados pela Secretaria da Fazenda refere-se à sonegação de impostos. De acordo com seus cálculos, nos últimos três anos foi registrada uma perda de receita do ICMS em torno de 25%. Ele afirmou que de janeiro para cá a Secretaria da Fazenda emitiu um bilhão de multas em todo o Estado e existem 160 processos penais movidos



contra os sonegadores. “Vamos desencadear uma campanha explicando à população a importância de pedir a nota fiscal e onde está sendo aplicado o dinheiro do ICMS”.

LARANJEIRA Ferraz, com Salbete: surpreso com as pesquisas de ponta

Para o secretário da Fazenda, o percentual do ICMS destinado à UNESP está sendo bem gasto. Isso ele constatou visitando o Centro de Diagnóstico por Imagem do Hospital das Clínicas e a Fazenda Experimental de Lagado, em Botucatu, onde conheceu o projeto de criação das superlanjeiras. Ao término da visita, Castro Ferraz mostrou-se impressionado com as instalações. “Estou surpreso com os equipamentos e as pesquisas de ponta da Universidade”, disse. Na sua opinião, entre as universidades estaduais, a UNESP é a que tem o caráter mais popular. “A instituição tem uma presença maciça no interior paulista, através de comércio com prefeituras, escolas e empresas”, destacou.

CAULOURES

Medida deve acabar com trote violento

O trote violento está proibido na UNESP. É o que delibera a Portaria do Reitor que dispõe sobre a recepção de alunos ingressantes na Universidade. E mais: passa a caber aos diretores a iniciativa de formar comissões junto às autoridades competentes inclusive nos casos ocorridos fora do câmpus e moradias estudantis.

A medida, que acaba de entrar em vigor, baseia-se em recomendação do grupo de docentes encarregado de estudar a postura de professores e alunos no cotidiano da UNESP. O grupo foi formado em dezembro de 93 a pedido da Pró-Reitoria de Graduação para avaliar a atuação na elaboração de princípios de uma ética docente e discente. Integrado por dez professores dos câmpus de Araraquara, Botucatu, Franca, Guaratinguá, Jaboticabal, Marília e Presidente Prudente, sua primeira deliberação diz respeito ao trote aplicado aos calouros por estereótipos. Segundo a pró-reitora de Graduação, professora Maria Aparecida Viggiani Bicaudo, a recepção dos calouros é também uma atividade educativa, na qual a participação do professor é fundamental. “De acordo com o grupo que nos assessorou, a integração do calouro à comunidade universitária não deve se restringir a um período passageiro, mas ser parte de um processo de formação da cidadania, que tem como princípio o respeito pelo outro ser humano”, afirma.

A partir deste ano, estão proibidas as ações abusivas, que causam constrangimento físico, psíquico ou moral a calouros, tanto nos câmpus como nas moradias estudantis, estando previstas punições aos infratores na forma da justiça comum e outras próprias do âmbito universitário. Caberá aos diretores a adoção de providências junto às autoridades competentes até mesmo nos casos ocorridos fora dessas dependências.

No mesmo tempo, a Portaria recomenda as diretrizes a serem seguidas pelas unidades universitárias, sem tirar-lhes o poder de decisão sobre as atividades a serem desenvolvidas. Nesse sentido, sugere que sejam ouvidos as comissões de ensino, os conselhos de curso e as entidades representativas discentes, para elaboração do programa de recepção dos novos estudantes.

ACORDO

Reforço cubano

Se tudo correr de acordo com o previsto, a Universidade deverá receber, ao longo de 1994, um reforço substancial em alguns de seus cursos. Em visita à Reitoria, no último dia 6 de dezembro, o vice-ministro do Ensino Superior de Cuba, Miguel Garrido, colocou à disposição da UNESP docentes e técnicos da Universidade de



APROXIMAÇÃO

Garrido: acordo intensificará relações

Havana. A princípio, de acordo com o professor Antonio Carlos Bermanio, assessor da Assessoria de Relações Externas, Arec, seriam cinco as áreas beneficiadas: Educação Física, Fisioterapia, Literatura, História e Sociologia. “São estas as áreas em que os cubanos têm mais contribuições a nos dar”, diz. “Mas é claro que, com o tempo, outros cursos também deverão ser beneficiados”. Os técnicos e professores cubanos deverão permanecer nos câmpus por, pelo menos, um ano. “Mas as prioridades e o período ideal quem deverá estabelecer são os professores”, esclarece o assessor.

Nesta primeira visita, ficou acertado que os responsáveis por cada uma das cinco áreas inicial-

mente escolhidas deverão elaborar um perfil do profissional que necessitam e enviá-lo a Havana. Dentro de um mês, no máximo, conforme garantiu Garrido, a universidade cubana fará chegar às mãos desses docentes os currículos solicitados. “A vinda de nossos professores para cá intensificará ainda mais as nossas relações com a UNESP”, avaliou o vice-ministro.

De fato, a depender dos resultados desse primeiro contato, a aproximação entre a UNESP e a Universidade de Havana poderá render novos frutos, abrangendo outras áreas e promovendo cursos rápidos, de férias, além de aulas para a graduação e a pós-graduação.

VESTIBULAR

Música, para descontrair.

Na abertura do vestibular da UNESP, no último dia 29 de dezembro, os alunos que compareceram ao colégio Rodrigues Alves, na Avenida Paulista, em São Paulo, tiveram uma grata surpresa. No lugar de nervosismo e tensão, frequentes nestas ocasiões, encontraram uma descontraída plateia assistindo a tranquilas peças musicais executadas pela Orquestra de Câmara, Cordas & Cia., integrada por alunos e ex-alunos do Instituto de Artes da UNESP. Entre 12 e 12h30, os dois instrumentistas da orquestra executaram músicas dos períodos barroco, clássico e contemporâneo. “Conseguimos relaxar os estudantes”, disse o violista Mauro Rego Viana, de 23 anos, ex-aluno da UNESP e um dos diretores da orquestra, que pretende repetir a experiência em outras universidades.



TERAPIA SONORA Orquestra de Câmara, Cordas & Cia.: provas tranquilas

Shopping Centers Templos do consumo

Onde se instalam, eles provocam transformações radicais na paisagem arquitetônica, na estrutura de comércio e até nos costumes, com regras próprias de comportamento. Com um faturamento de US\$ 4 bilhões em 1992, tudo neles é pensado para vender.



TESE E LIVRO
Silvana, com a obra: reflexão

São cerca de oitenta espalhados pelo Brasil e outros quinze em construção. Só no Estado de São Paulo estão em funcionamento mais de trinta. Os shopping centers, que futuraram em 1992 perto de US\$ 4 bilhões, chegaram ao Brasil em 1966, mais precisamente no dia 27 de novembro. Chegaram, timidamente, mas vieram para ficar. Desde a inauguração do Shopping Iguatemi, o primeiro do País, eles proliferaram, alterando paisagens e costumes. Esses verdadeiros "templos do consumo" viveram um grande boom durante os anos 80, despertando a atenção de profissionais como geógrafos e antropólogos, que começaram a estudar o fenômeno.

"O apelo dos shoppings é tão forte, que seu sucesso independe até mesmo da região onde são instalados", analisa a professora Silvana Maria Pintaudi, do Departamento de Planejamento Regional do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do campus de Rio Claro. "Se o posto não tem tradição comercial, com o shopping passa a ter". Silvana, que desenvolveu sua tese de doutorado sobre o assunto, é organizadora do livro *Shopping Centers — Espaço, Cultura e Modernidade nas Cidades Brasileiras*, em parceria com Heitor Prágoi Jr., da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. A publicação, que reúne artigos baseados em pesquisas de geógrafos, arquitetos e um antropólogo, além de um ensaio fotográfico, foi lançada pela Editora UNESP em 1992.

IGUATEMI

O Shopping Iguatemi é um bom exemplo das alterações que esses empreendimentos provocaram na paisagem arquitetônica e na estrutura do comércio das cidades. Construído na estrada rua Iguatemi — hoje, avenida Brigadeiro Faria Lima —, este shopping pioneiro, tinha como vizinhos muitas residências e alguns poucos estabelecimentos comerciais que atendiam esses moradores. "A simples instalação do shopping promoveu uma transformação radical na região", diz Silvana. A rua foi alargada e foram erguidos prédios de escritórios e de apartamentos, além de bancos e estabelecimentos comerciais e de serviços.

Nada disso, porém, foi estudado à época. O Iguatemi acabou por inaugurar a era dos shopping centers no Brasil quase que por acaso, como uma das opções de negócio de um grande empresário, baseado em estudos feitos nos Estados Unidos, onde os shoppings surgiram. O segundo shopping brasileiro chegou apenas cinco anos mais tarde, em Brasília. Para Antonio Carlos Gaeta, colega de departamento de Silvana e autor de uma



URBE UTÓPICA

Não há mendigos, o clima é sempre ameno, a segurança é quase absoluta e as distâncias sempre pequenas

dissertação de mestrado sobre o tema, a falta de planejamento urbano na implantação dos shoppings ocorre até hoje. "No Brasil, não há legislação sobre o assunto", lamenta. "Por isso, o comércio, o trânsito e tudo ao redor do shopping vai se adaptando com o passar do tempo".

Segundo Gaeta, o Shopping Iguatemi não tinha grandes ambições quando foi criado. "Planejava vender somente para a elite, que compra na rua Augusta e não possuía área de lazer nem de alimentação", lembra. Até os anos 70, a rua Augusta ainda conservou um certo brilho. Contudo, depois de algum tempo, não houve mais como manter a concorrência com o novo centro de compras que se firmava, e a rua entrou em decadência.

NOVAS ESTRATÉGIAS

Com a urbanização da população e a modernização das indústrias de confecção —

65% de suas lojas são de vestuário —, os shoppings foram ganhando força no mercado e atraindo grandes capitais. O investimento feito numa indústria, de acordo com Silvana, demora 10 anos para dar retorno de capital, enquanto que num shopping esse tempo cai pela metade.

Os shopping centers funcionam como cidades dentro das cidades. Segundo Silvana, eles criam um espaço por interm, com ruas, lojas e locais para alimentação e lazer (veja quadro). Dentro de um shopping, tudo funciona para parecer perfeito: além da ausência de mendigos, o clima lá é sempre agradável, por volta dos 21°C, há segurança quase absoluta e as distâncias são sempre pequenas. Na sua palavra: é o paraíso. "O ambiente é limpo, mas nunca vemos ninguém vendendo. O prédio está sempre em bom estado, mas não cruzamos com nenhum funcionário fazendo a manutenção", nota a geógrafa.

O que empresta essa uniformidade e or-

ganização aos shopping centers é sua administração. Os shoppings não nascem por iniciativa dos comerciantes, mas como um empreendimento imobiliário. "Tudo é muito bem estudado. Desde quantos lojas de cada especialidade o shopping cooperará, até mesmo a localização que terá no prédio", explica Gaeta. Segundo a professora Silvana, a grande maioria dos estabelecimentos comerciais é alugada, o que obriga os comerciantes a se submeterem a regras que vão do visual das vitrines às liquidações. "Eles pagam pela loja, mas não são seus proprietários. Além disso, há o aluguel, cobrado sobre a metragem do imóvel ou sobre o faturamento, o que faz maior", revela. "Hoje, para se abrir uma loja num shopping, não é necessário ter comercial ou tradição no ramo. É preciso apenas ter capital", constata Gaeta.

INTERIOR

No interior do Estado, o segundo mercado consumidor do País, o fenômeno do shopping center se repete, com algumas peculiaridades. "Enquanto em São Paulo três bairros de tamanho médio totalizam 500 mil pessoas com poder aquisitivo suficiente para sustentarem um shopping, aqui é preciso juntar as cidades de Limeira, Rio Claro, Piracicaba e Araras para que o fenômeno se repita", conta a geógrafa Silvana. Em 1989, eram quarenta os projetos de shoppings em desenvolvimento no interior. Hoje, vinte deles já estão em funcionamento.

Além de satisfazerem o desejo da população de consumir grifes da moda, os shopping centers do interior, segundo Silvana, chegam como uma espécie de lazer. "As pessoas da região alternam seus fins-de-semana entre os shoppings de Limeira e Piracicaba", conta. Atualmente, não há município do interior que não deseje ter o seu shopping. "Hoje, a referência de uma cidade não é mais a igreja, a fonte ou a farmácia rodoviária, mas o shopping center", completa a geógrafa.

Os jovens, sob estreita vigilância

Para atrair maior número de pessoas e, consequentemente, aumentar as vendas, os administradores dos shopping centers não medem esforços. No corredor pelos cafés, vale tudo. Mas nem sempre o resultado é o previsto. Criadas há pouco mais de cinco anos como um charme adicional, as áreas de lazer desses estabelecimentos não têm trazido o retorno esperado. Tomadas principalmente por jovens da classe média e classe média alta, economicamente dependentes dos pais, estas áreas tornaram-se verdadeiros centros de paquera e pontos de encontro. "É muito difícil conseguir um equilíbrio quando se cria um fluxo de pessoas razão veladamente heterogêneas", aposta Heitor Prágoi Jr.

professor da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas e um dos organizadores do livro *Shopping Centers — Espaço, Cultura e Modernidade nas Cidades Brasileiras*.

Para Prágoi, no entanto, apesar de indolentes, estes jovens são tolerados pelos empresários. "Eles sabem que os garotos, além de emprestarem um certo charme ao espaço, vão se tornar os consumidores de amanhã". Ainda assim, há grupos de adolescentes que são mantidos sob estreita vigilância. "Os segurança são bem treinados para detectar pequenos sinais indicadores de possíveis problemas", lembra. "Turmas com mais de cinco pessoas, torcidas uniformizadas ou alguém

com roupas sujas ou rasgadas são discretamente seguidos."

O shopping center introduziu uma nova concepção de comércio que mescla, de forma sutil, o público e o privado num mesmo ambiente. Segundo o pesquisador, por ter se transformado num cenário de encontros, paqueras e passios, o shopping tornou-se uma espécie de praça sem contudo substituí-la. "Isso jamais será possível no espaço confinado e controlado de um shopping", prevê. "A imprevisibilidade de dias ruins não pode ser substituída, e assim, num espaço verdadeiramente público é que se pode exercer plenamente a prática da cidadania."

(D.P.)

Denise Pellegrini